

UM ESTUDO DOS MODELOS MENTAIS EM TORNO DO ABUSO DE PODER CONTRA A MULHER

Giselle Lopes Souza Schaffer (UFES)

gisellesouza86@yahoo.com

Micheline Mattedi Tomazi (UFES)

michelinetomazi@gmail.com

1. *Considerações iniciais*

A opressão das mulheres em nossa sociedade é visível e carece ser examinada. Crescem a cada dia o número de mulheres que procuram as delegacias especializadas para efetuar denúncias de casos de agressão. Apesar das denúncias, pouco se sabe sobre os eventos vividos por essas mulheres antes, durante e depois dos atos de violência. Para se conhecer o que houve antes da agressão um dos principais pontos a serem problematizados é o tipo de crenças que são compartilhadas pelos grupos sociais envolvidos nesses casos: os grupos das vítimas e dos agressores. Segundo van Dijk (2011), há um caminho para se chegar à questão da violência contra a mulher, para ele esse caminho é através do estudo do “sexismo”. Vejamos o comentário do autor:

There are many deadly –isms that continue to afflict humanity. The oldest, most pernicious and deadliest of all is sexism: Many thousands of women are killed each year by their male (ex) partners, and millions of women are daily harassed, beaten or discriminated against by their husbands, friends, bosses or simply by male dominated society at large. (VAN DIJK, 2004, p. 01)⁵⁸.

A problemática supramencionada não é nova, trata-se de uma das mais antigas ideologias encontradas em nossa história. Segundo o autor, é a dominância masculina a causa do “sexismo” – um dos –ismos mais mortais de nossa cultura – sendo que entendemos dominância, neste trabalho, como “uma forma de abuso de poder legalmente ilegítimo” (VAN DIJK, 2012, p. 88). O presente trabalho procura direcionar os olhares para os casos de violência contra a mulher por meio de um estudo crítico dos discursos das vítimas. Trata-se de um estudo crítico de uma reporta-

⁵⁸ Existem muitos –ismos mortais que continuam a afligir a humanidade. O mais antigo, mais mortal e igualmente pernicioso de todos é o sexismo. Milhares de mulheres são assassinadas por ano pelos próprios parceiros e milhões delas são arrasadas, agredidas ou discriminadas por seus maridos, amigos, patrões ou simplesmente pelos representantes de uma sociedade dominada pelo sexo masculino (VAN DIJK, 2004, p. 01). Lembramos que as traduções realizadas neste texto são de única e total responsabilidade das coautoras.

gem noticiada publicada no jornal impresso de *A Gazeta* em 14/04/2013. O presente trabalho pretende investigar, também, se há relatos do discurso do agressor no objeto de análise, a fim de identificar a presença de ideologias sexistas em tais relatos.

A relevância desta pesquisa não está apenas na possibilidade de analisar criticamente o discurso dos interlocutores envolvidos em casos de agressão sexista, e sim em engajar-se num diálogo a favor das minorias, neste caso, no discurso das mulheres que sofreram/sofrem agressão.

Para tanto, encontramos nos estudos críticos do discurso desenvolvidos por van Dijk (2004, 2011, 2012) um modelo de análise que nos permita desvendar discursivamente os eventos e contextos responsáveis pela produção da reportagem e pela produção dos discursos dos envolvidos relatados pela reportagem. Buscaremos, especificamente, nos conceitos de “modelos mentais” e duas de suas ramificações: os “modelos de evento” e os “modelos de contexto” uma base teórica para apontar os responsáveis pelos processos de produção e atualização desses discursos.

Este artigo será desenvolvido da seguinte forma: na primeira seção apresentaremos uma síntese dos pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, na segunda seção a análise da reportagem, seguido de conclusão e as respectivas referências bibliográficas.

2. *Os estudos críticos do discurso e as relações de poder: minorias em foco*

Nas últimas décadas, vive-se um momento de ascensão das publicações que, principalmente, voltam as atenções e pesquisas para uma produção engajada com a realidade dos grupos sociais pormenorizados, pois é nos estudos críticos do discurso que a luta contra as disparidades sociais provocadas pelo abuso de poder e dominância encontra-se com a pesquisa linguística. Para os estudos críticos do discurso um dos conceitos indispensáveis é o de poder. Aqui, não há uma relação de poder como uma relação de forças, poder é a capacidade de controle de um grupo sobre outro e quando um grupo social controla a liberdade de outro grupo social, caracteriza-se o “abuso de poder”. Um tipo de abuso de poder de grande relevância para este estudo é a “dominância”, entendida neste texto como uma forma de controle legalmente ilegítimo (VAN DIJK, 2012, p. 88). Vale ressaltar que o abuso de poder é controle e este apresenta uma dimensão cognitiva, a qual demonstra que o cerceamento da liber-

dade de um grupo pode ocorrer de maneira indireta, ao se utilizar muito mais o controle da mente do que o uso de força física (VAN DIJK, 2012).

Daí surge um conceito que emerge dos estudos cognitivos e trabalha a questão do controle mental que um grupo pode exercer sobre outro, segundo van Dijk (2012), são os “modelos mentais” os responsáveis por esse cerceamento da liberdade das minorias, pois eles controlam a produção dos discursos. Desvendar esses modelos mentais faz-se necessário, a fim de delimitar a arestas do discurso dos grupos sociais envolvidos na dominância. Isto pode acontecer de duas formas: mostrando como os grupos poderosos controlam o discurso público e/ou como esse discurso controla a mente e a ação dos grupos (menos poderosos) e quais são as consequências desse controle (VAN DIJK, 2012, p. 118).

Admite-se aqui “outro elemento de importância para a questão da reprodução discursiva do poder e da dominância, é o próprio acesso ao discurso e eventos comunicativos” (VAN DIJK, 2012, p. 89). Uma vez avaliado como um recurso social valorizado, o discurso distribuído desigualmente entre os grupos sociais e seu acesso sendo restrito às classes sociais mais abastadas, como é o caso dos textos midiáticos e jornalísticos, aqueles que têm menos acesso ao discurso ficam à margem daqueles que controlam a produção e atualização discursiva e à manipulação que estes podem exercer sobre os discursos produzidos a respeito das minorias e para as minorias. Por exemplo, quando um crime é cometido por minorias é tipicamente topicalizado e objeto de manchetes jornalísticas (VAN DIJK, 2012, p. 123), assim os jornais podem influenciar poderosamente como um evento é definido e quais modelos mentais preferidos serão atualizados.

2.1. Modelos de evento e modelos de contexto

Em termos de atualização e produção discursiva de modelos mentais preferidos, é importante partir do pressuposto de que todo discurso é controlado pelo contexto. E esse controle do discurso pelo contexto acontece em duas etapas, que inicia de categorias mais abrangentes até as mais específicas: “a primeira é mais abrangente, diz respeito ao controle do conhecimento geral e das informações que serão manifestas nas estruturas do discurso (nível semântico), na segunda etapa estão os mecanismos que agem na produção efetiva do discurso, responsáveis por contro-

lar todas as estruturas variáveis do texto ou fala, ou seja, como as coisas são ditas e não o que é dito” (VAN DIJK, 2011, p. 146).

Deve-se ressaltar, ainda, que as experiências vividas pelos grupos sociais precedem a produção dos discursos desses grupos, assim os modelos de evento, ou seja, as situações discursivas vividas pelos grupos sociais podem não apenas influenciar o conteúdo dos discursos subsequentes, mas também as estratégias estruturais desses discursos (VAN DIJK, 2011)

Dessa forma, o discurso e sua interpretação são de caráter subjetivo, podendo influenciar diretamente os modelos de contexto dos receptores, sendo que “as pessoas e as relações sociais são avaliadas com base naquilo que fazem e dizem” (VAN DIJK, 2011, p. 146). Nesse sentido, o processo de produção do discurso vai de modelos de evento (modelos mentais relativos a situações ocorridas) aos modelos de contexto (escolhas das estruturas do discurso). Os modelos de evento correspondem “à memória episódica” (memória de longo prazo), suprimindo o conteúdo dos discursos, isto é, aquilo que foi dito e estes influenciam os “modelos de contexto”, ou seja, o processo cognitivo que controla como as coisas são ditas na situação em curso.

Ainda sobre a relevância em manter a relação discurso e contexto⁵⁹ deve-se reconhecer que é “por meio das palavras que usam que os falantes mostram suas identidades, suas relações enquanto participantes, sua adaptação às audiências, suas emoções, seus valores etc. e os tipos de situações em que estão falando ou escrevendo” (VAN DIJK, 2011, p. 238). Fala-se aqui em escolhas lexicais, que são grandes responsáveis por caracterizarem as categorias contextuais, ou seja, de acordo com o estilo e tipos de palavras utilizadas pode-se criar uma nova categoria de modelo de contexto.

Assim sendo, Van Dijk resalta a necessidade de se estabelecer íntima relação entre os modelos de evento e as escolhas lexicais, pois segundo o autor,

É preciso lembrar, porém, que a escolha lexical é antes de mais nada definida pelos significados ou pelos modelos de eventos subjacentes dos usuários da língua: como estratégia geral, as pessoas optam pelas palavras que expressam da maneira mais exata possível a informação específica que está presente nesse modelos de evento. (VAN DIJK, 2012, p 196)

⁵⁹ Van Dijk utiliza a palavra contexto como uma abreviação da expressão *modelo de contexto*.

Enfim, para avaliar o nível de completude das descrições dos casos oferecidos pela reportagem escolhemos um chamado por van Dijk (2012) de “Grau de completude do discurso”, referente às descrições e detalhes que damos de nós mesmos, dos outros ou das situações, dependendo do modo como “os eventos estão sendo representados nos modelos mentais de eventos” (VAN DIJK, 2012, p. 254).

1. Um estudo de uma reportagem noticiada de a gazeta

Nos últimos três anos, principalmente no ano de 2013, o jornal *A Gazeta* tem publicado quase em regime diário notícias sobre casos de violência contra a mulher. Dentre as reportagens e notícias sobre o tema, escolhemos uma reportagem noticiada com características narrativas com o título “Elas viram o amor se transformar em medo”. A reportagem ocupou duas páginas do jornal e fora publicada em 14/04/2013.

No início da primeira página, há um dado estatístico que se refere ao Brasil e ao estado do Espírito Santo, no qual o jornal está localizado e do qual faz referência nos casos desta reportagem, segundo a reportagem “A cada quinze segundos, uma mulher é agredida no Brasil. A cada duas horas, uma é morta. O Espírito Santo é o estado que mais mata no país”. O intuito do jornal parece ser conscientizar o interlocutor da gravidade do assunto para, então, introduzir o título que vem precedido do tema em letras garrafais e em negrito “violência doméstica” isso já aponta para uma escolha editorial a favor de casos em que a mulher está envolvida de maneira familiar com o agressor.

Logo após o título, apresenta-se o primeiro caso com a vítima, de nome fictício, chamada “Ana”, segue o caso desta vítima:

Ana* é uma sobrevivente. Seu companheiro a agrediu duas vezes. A primeira, com socos e pontapés. A segunda, arrastando-a pelos cabelos aos três meses de gestação, pelas ruas do bairro Santa Rita, em Vila Velha. Ela foi salva por uma viatura da polícia que passava pelo local na hora. Aos 30 anos, quatro filhos, desempregada, Ana é o retrato de uma violência sem testemunhas e que marca vidas. Para ela, se não fosse a intervenção policial, apanharia até morrer. São 17 horas de uma quarta-feira quando ela chega escoltada por policiais militares à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DE-AM), em Vitória, para registrar queixa contra o agressor. Chorando e com o rosto todo marcado, diz que se polícia não tivesse aparecido teria sido morta. Por ciúmes. “Estava conversando com amigos na pracinha do bairro e ele chegou gritando, porque tem ciúmes de mim. Estava alcoolizada do e me deu chutes e tapas na cara, em nenhum momento pensou no filho que está na barriga. Tenho medo de morrer depois que ele for solto”, diz a vítima. Ana acredita que

escapou por pouco de engrossar as estatísticas de mulheres assassinadas pelos maridos, companheiros ou namorados (*A Gazeta*, 14/04/2013, p. 14).

Podemos observar que há uma variação no papel social ocupado por “Ana” no caso de agressão. Isso acontece pelas escolhas lexicais presentes na construção do discurso jornalístico construído na reportagem. Em “Ana* é uma sobrevivente” também em “Ana é o retrato de uma violência sem testemunhas e que marca vidas” ou ainda em “Tenho medo de morrer depois que ele for solto”, diz a vítima” pode-se notar uma construção progressiva do papel que Ana ocuparia no caso relatado até chegar à condição de vítima. Nota-se, também, que o termo vítima só foi escolhido pelo texto no fim do relato deste caso, depois que todo o evento narrado pelo jornalista foi exposto, isto é parte de uma estratégia do jornalista, pois

essa variação dos níveis de descrição e dos graus de completude é uma operação sobre modelos mentais de eventos que pode ser controlada pelas informações presentes nos modelos mentais de contexto, tal como o conhecimento prévio, os interesses e ideologias dos receptores e do falante/escritor, e seus objetivos (VAN DIJK, 2011, p. 253)

Algo inverso, entretanto, acontece com o papel do agressor no caso relatado, vemos em “Seu companheiro a agrediu duas vezes” que ele aqui ainda não é caracterizado como agressor, mas sim, alguém próximo dela um “companheiro”, entretanto em “ela chega escoltada por policiais militares à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), em Vitória, para registrar queixa contra o agressor” o então companheiro torna-se agressor. Semelhante inversão acontece no próximo acaso, vejamos:

Julia* disse basta. Arquiteta de 30anos, se separou do homem (um engenheiro) com o qual viveu cinco anos e que a agredia frequentemente. “As agressões começaram com palavras e torturas psicológicas. Numa noite, chegando de uma festa, ele deu um tapa no meu rosto dentro do elevador. Por ciúmes porque eu tinha dançado”, lembra. Depois vieram inúmeras agressões físicas, até ficar com o olho roxo. “Passei tudo de ruim que a mulher pode passar na mão de um homem, mas decidi começar uma nova vida”. A capixaba, moradora de um bairro nobre da Capital, viveu em silêncio até não aguentar mais. Júlia é o exemplo de que mulheres com nível superior, casa própria e carro do ano também são ameaçadas, espancadas e torturadas. “Só estou viva porque me separei”, afirma. Os agressores não escolhem classe social, nem idade. Vitória lidera o ranking de morte de mulheres. A capital registra uma taxa de 13,2 homicídios por 100mil mulheres, índice que fica em 4,6 no país e 5,3 no conjunto das capitais. No ano passado, 93 mulheres foram mortas na Grande Vitória (*A Gazeta*, 14/04/2013, p. 15).

Neste caso, há uma apresentação do agressor como o “homem (um engenheiro) com o qual viveu cinco anos e que a agredia frequentemente” e depois disso não há mais detalhes específicos do agressor de “Julia”. A reportagem segue falando de “agressores” numa forma geral, saindo do caso desta vítima e, novamente, fornecendo dados estatísticos sobre os casos. Assim, não parece haver uma forma constante de caracterizar o agressor, o que transparece uma ausência de critérios por parte do jornalista.

Observa-se, também, que há no caso de “Julia” e “Ana” algumas informações sobre a condição social das vítimas, sendo esta “desempregada, moradora do bairro Santa Rita” aquela é “arquiteta, mora em bairro nobre, tem casa própria e carro do ano”, porém, apenas no caso de “Julia” há informações sobre a condição social e profissão do agressor que é “engenheiro”. A reportagem também enfatiza o fato de o agressor não escolher classe social, o que pressupõe a existência da ideia anterior de que as agressões são restritas a uma classe social. Assim, o jornalista parece dialogar com pressupostos, ideologias, vindas de um *senso* comum, compartilhadas por grupos sociais dos quais o jornalista faz parte e que mantem a crença de que agressão contra a mulher só acontece nas periferias, com classes menos abastadas. Isso acontece porque uma vez que os modelos de evento preexistem aos modelos de contexto, ou seja, as escolhas lexicais e sintáticas envolvidas na produção do discurso, essa ideia faz parte da interpretação subjetiva que o escritor constrói em seu texto, “isto é, um discurso desse tipo mostra não só os modelos subjacentes e preconceituosos que os jornalistas têm dos eventos, mas também propriedades do contexto, como os ambientes, a ocupação, a instituição, a intenção comunicativa etc. do próprio jornalista (VAN DIJK, 2011, p. 253).

No tocante aos agressores, não há relatos reproduzidos de seus discursos, como também não há no discurso das vítimas, reproduzido pela reportagem, qualquer menção ao que acontecia antes das agressões começarem e como era o comportamento do agressor na vida cotidiana, antes de acontecer a primeira agressão física ou verbal. O que há é uma conclusão a respeito do agressor apresentada pela reportagem:

Quase todos os agressores agem da mesma forma. Primeiro vem a agressão verbal e psicológica, que com o tempo se estende para tapas, socos e espancamentos. A violência doméstica está em todas as classes sociais e atinge cada vez mais mulheres jovens. Vitória (*A Gazeta*, 14/04/2013, p. 15).

“Quase todos os agressores agem da mesma forma” há uma conclusão e banalização da forma como acontecem os casos. O jornal se apropria de sua influência devido ao acesso que este tem ao discurso das vítimas e agressores, no momento em que os casos são relatados para a polícia, e já impõe um dado como “uma verdade,” pois o leitor/interlocutor do jornal não tem acesso ao discurso das vítimas na íntegra e nem mesmo em parte obteve acesso ao discurso do agressor nesta reportagem. Assim, “as reportagens de notícias detalharão tipicamente as ações negativas de indivíduos de fora do grupo e serão muito menos específicas sobre coisas negativas que dizem respeito a Nós. Essa é uma das jogadas na estratégia geral da autoapresentação positiva e apresentação negativa do outro” (VAN DIJK, 2012, p. 253).

2. Conclusão

Podemos concluir da análise realizada neste trabalho que muito do que está apresentado na reportagem noticiada faz parte de um recorte subjetivo do jornalista, que constrói seu discurso por meio de escolhas lexicais precedidas por modelos de evento vividos pelo jornalista ao produzir o texto e também pelas ideologias compartilhadas pelo grupo social do qual ele faz parte.

Outra constatação é a de que a apresentação do agressor varia de “homem” a “companheiro” e que o papel social “agressor” só foi assumido pelo jornal no caso de “Ana” que efetivou a denúncia, mas em Júlia não há indícios, na reportagem, de que houve a denúncia e o “homem” não foi denominado “agressor”.

Entende-se, por fim, a necessidade de apontar a ausência do discurso do agressor na reportagem o que prejudica não só a imparcialidade, para a qual as mídias de massa parecem se dedicar, mas também o acesso aos modelos de evento que precedem o discurso das vítimas, ou seja, toda a situação vivida por elas e os modelos mentais que controlaram suas ações e discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CPMI da violência contra a mulher chega ao Espírito Santo. Vitória, 2013. Disponível em:
<http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2012/05/gazeta/minuto_a_min

uto/1226256-cpmi-da-violencia-contra-a-mulher-chega-ao-espirito-santo.html>. Acesso em: 18-01-2013.

SILVA, G. Violência doméstica elas viram o amor se transformar em medo. *A Gazeta*, Vitória, 14 abril, 2013, p. 15, caderno Cidades.

CALDAS-COULTHARD, C. R. A Representação de gênero na imprensa escrita: a pesquisa. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; COLLINS, Heloisa (Orgs.). *The Specialist*, v. 15, n. 1 e 2. São Paulo: PUC/SP, 1990, p. 113-120.

VAN DIJK, T. A. Discourse, ideology and Context. *Folia Linguistica*, 2001, p. 11-40.

_____. *Discurso e contexto*. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Discurso e poder*. Edição organizada por Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2012.